



Joaquim Cardozo nasceu no Recife em 1897; é engenheiro e se especializou em calcular as mais ousadas estruturas de nossos arquitetos modernos. Magro, alourado, silencioso, com seu sorriso cordial e triste, só publicou um livro de poesia aos 50 anos, por força dos amigos. Vive no Rio, onde já foi um dos técnicos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico. Desenha; ama a matemática; é solteiro. Em seus raros poemas, com tanta imagem das chácaras e mangues do velho Recife, sopra sempre aquela brisa lírica do Nordeste, flôr dos ventos alísios, aquêlê sudeste com cheiro de mar e farfalhar de palmas de coqueiro que seu amigo Manuel Bandeira oferecia como bem supremo à sua amada: "lá tem brisa; vamos viver de brisa, Anarina".

Cardozo sente e faz sentir isso melhor do que ninguém; êle sabe que "sobre o capim orvalho, por baixo das mangabeiras há rastros de luz macia". E conta um segrêdo; "por aqui passaram luas, pousaram aves bravias".

Joaquim Cardozo sabe as coisas.

A POESIA É NECESSÁRIA

Chuva de cajú

DE JOAQUIM CARDOZO

Como te chamas, pequena chuva inconstante e breve?
Como te chamas, dize, chuva simples e leve?

Tereza? Maria?

Entra, invade a casa, molha o chão
Molha a mesa e os livros.

Sei de onde vens, sei por onde andaste.
Vens dos subúrbios distantes, dos sítios aromáticos

Onde as mangueiras florescem, onde há cajús e mangabas,
Onde os coqueiros se aprumam nos baldes dos viveiros

E em noites de lua cheia passam rondando os marujins
— Lama viva, espírito do ar noturno do mangue.

Invade a casa, molha o chão,
Muito me agrada a tua companhia,

Porque eu te quero muito bem, doce chuva,
Quer te chames Tereza ou Maria.

UMA PÁGINA DE

Rubem Braga



A FOTO FICA

Nessa fotografia, tirada há anos em Buenos Aires, aparecem o sorriso de Carybé, o grande desenhista argentino que hoje vive na Bahia, e a gargalhada famosa do escritor Newton (Zico) Freitas, hoje funcionário de nossa embaixada em Bruxelas.

GENTE DA CIDADE



Danuza Leão Modelo

Uma vez, durante a guerra, houve um pânico no mercado de águas-marinhas: um lavrador descobrira, num arrozal de Itaguassú, Estado do Espírito Santo, uma pedra de um azul tão profundo e luminoso e limpo como jamais se tinha visto. Ao seu lado as pedras famosas de Fortaleza, sertão de Minas, pareciam descoradas e sem vida. O mercado do Rio paralizou-se; lapidadores, compradores e traficantes de tôda ordem tomaram avião para Vitória, invadiram Itaguassú, fuçaram todos os brejos e arrozaes; nunca mais, porém, apareceu outra pedra comparável àquêlê bloco solitário.

O repórter que (durante o Estado Novo e a censura prévia) tentava ganhar a vida revendendo pedras semipreciosas, lembrou-se imediatamente desse fato quando, anos depois, conhe-

ceu Danuza Leão e soube que ela nascera em Itaguassú: em seus olhos havia o azul e a luz da misteriosa água marinha. Quem já os viu não os esquece, como os homens das pedras jamais esquecerão aquela de Itaguassú.

Na verdade também Danuza Leão, em alguns momentos, causou algum pânico em algumas praças; mas sua vida é simples. Pouco depois de nascer foi morar em Vitória até os 10 anos e tem uma lembrança vaga do mar da Praia Comprida, dos cajueiros e do tombo que tomou do alto de um dêles.

Depois veio para o Rio morar no mesmo apartamento em que mora até hoje, no Edifício Elisabeth, na avenida Copacabana perto do Metro. Sua primeira recordação do Rio: uma cidade em que não podia atravessar a rua sôzinha; esta era a pior das terríveis proibições paternas, êste era o terror quotidiano de sua mãe, êste era o grande pecado, a inconcebível, alucinante aventura. (Um dia ela atravessou a rua sôzinha, mas ficou tão emocionada, o coração batendo tanto, que esperou meia hora e a companhia de duas senhoras para voltar à sua calçada).

Fez admissão no Sacré Coeur, e durante dois dias resolveu ser freira, mas desistiu disso e hoje em dia admite que talvez não tenha mesmo vocação. Ficou lá 3 anos, comungava todo domingo, depois passou para o Mallet Soares, tinha mania de praia, venetas como estudar piano (2 anos) depois violão durante seis meses com Patrício Teixeira e mais 6 meses no Conservatório, com o seguinte resultado prático: sabe acompanhar (mal) "Meu limão meu limoeiro".

Voltou a estudar em casa com professores particulares, depois lhe deu na telha entrar para a Faculdade Católica

de Filosofia, no curso de línguas neolatinas, como ouvinte; no meio de tudo isso e antes de fazer 15 anos foi debutante de "Sombra" tendo como par Ronaldo Melo Pinto; ganhou por sorteio uma viagem a Paris, agradeceu ao microfone num discurso soprado um pouco alto demais por Jacinto de Thormes, mas como não aproveitou o prêmio acha que o sr. Paulo Sampaio ainda lhe deve uma viagem a Paris, na Panair. Seus estudos continuaram confusamente, atravez de disparatadas leituras; aos 15 anos foi a Buenos Aires, aos 18 a Venezuela, Paris e Roma, aos 19 a Punta del Este onde dava autografos sem saber porque, depois foi à Bahia para inaugurar o Hotel, gostou, ficou dois meses, depois novamente Paris (festa de Coberville, a tal festa); então para poder ficar lá teve a idéia de ser modêlo, disseram-lhe que ela não sabia andar, aprendeu a andar, trabalhou um mês com Jacques Heim depois foi convidada por Jacques Fath, o trabalho era duríssimo, dias inteiros em pé, de salto alto ("êle criava os vestidos no corpo da gente") ou desfilando; em pleno inverno era preciso fotografar os modelos de primavera, com isso pegou uma gripe de 2 meses, febre alta. Voltou a trabalhar, havia dias sem tempo mesmo para comer ("a gente disfarçava com Camembert e Beaujolais"), veio passar 3 semanas de férias no verão do Brasil, voltou para Paris e Fath, foi a Roma, trabalhou 20 dias em Capri para o famoso Emílio, na volta não tinha mais "permis de travail" ("o embaixador Carlinhos de Ouro Prêto foi um amor, coitado, acabou arranjando, mas então já estava na hora de eu voltar para o Brasil") foi a Londres, à Feira de Sevilha ("não há nada melhor no mundo") e à festa de San Isidro em

Madrid, viu touradas um mês a fio, danças gitanas e tome mazanilla, voltou rapidamente a Paris e logo veio para o Rio, onde está.

Figuras internacionais a que se afeiçoou: Dado Ruspoli, príncipe contrabandista, Daniel Gelin, Michel Auclair, a princesa Ashraf, irmã do Xá da Persia, de quem ganhava no Pôquer, Sidney Chaplin ("não, êsse negócio de que fomos noivos é mentira, foi só camaradagem"), Bettina, etc. No Rio trabalhou no atelier de Ruth Silveira (ora fechado) e durante um mês no Bar do Vogue, de onde saiu aborrecida.

Planos, não tem. ("Uma vez eu estava dando uma entrevista, me fizeram uma pergunta dessas, Vinícius de Moraes estava perto e me aconselhou a responder: "aprender pandeiro e casar com um contorsionista").

Fala de qualquer jeito várias línguas, 1,72 de altura, 53 de cintura, 20 anos de idade, e já foi vista vestindo os mais lindos vestidos de noite e os mais ousados e moleques improvisos de calça e blusa de Saint Germain de Pré; já pintou os cabelos de verde, de prata e de várias outras côres e já os cortou e tosquiou de todo jeito; agora os usa naturais (louro acastanhado) frequentemente com penteado de boa moça, para variar. Perguntamos qual era, no seu entender, a mulher mais elegante do Brasil. Disse que era a senhora Nelson Caldeira, inclusive porque é sempre elegante e natural, a qualquer hora, em casa ou na rua. E qual era o homem mais encantador?

— Ora, Rubem, que pergunta! Naturalmente é Emiliano Di Cavalcanti, artista pintor. "Você já viu alguém melhor? Di é assim, um boneco!"

R. B.